

# KALUNGUEIROS NA LUTA PELA REGULARIZAÇÃO DO SEU TERRITÓRIO



PROJETO  
CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL

COMUNIDADE QUILOMBOLA  
KALUNGA DO MIMOSO



PROJETO  
**CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL**

Fascículo N° 7 Janeiro 2019

**Comunidade Quilombola Kalunga do  
Mimoso – Kalungueiros na luta pela  
regularização do seu Território**

Coordenação Geral do Projeto  
**Conflitos Sociais e Desenvolvimento  
Sustentável no Brasil Central**  
Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA)  
Jurandir Santos de Novaes (UFPA)  
Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)  
Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)  
Alfredo Wagner Berno de Almeida(UEA/  
UEMA)

**Equipe de pesquisa**

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)  
Lourivaldo dos Santos Souza (COEQTO)  
Maria Aparecida Ribeiro de Souza (COEQTO)  
Evandro Moura Dias (COEQTO)  
Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)  
Laurentina dos Santos Souza (APA-TO)

**Edição**

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)

**Transcrição de áudio**

Inês Torre Xavier (APA-TO)  
Jacqueline Alves Santana (APA-TO)  
Luana Alves Patrício (APA-TO)  
Noelma Martins de Albuquerque (APA-TO)

**Cartografia e mapas**

Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)

**Fotos**

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)

**Projeto gráfico**

Philipe Teixeira



**Membros da comunidade envolvidos na  
elaboração do fascículo**

Anita dos Santos Rosa  
Aristeu dos Santos Rosa  
Carmina Rosa Rodrigues  
Casemi Xavier Torres  
Emílio dos Santos Rosa  
Erimito dos Santos Rosa  
Francisco dos Santos Rosa  
João Ferreira Campos  
João Vitor dos Santos  
José Valeriano de Melo  
Leonidas Melo Torres  
Leônio da Silva Oliveira  
Lerinda dos Santos Rosa  
Lucina Pereira da Conceição  
Irineu Gorgolho de Moura  
Maria dos Santos Rosa  
Maria dos Santos Xavier  
Nercina de Melo da Silva  
Pedro Torres de Melo  
Rosa da Cunha Damasceno  
Silvino Izídio de Macedo

Ficha Catalográfica

C728

Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso – Kalungueiros na luta pela regularização do seu território / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 07 (Jan. 2019) / Coordenação da pesquisa: Paulo Rogério Gonçalves et al. – Manaus: UEA Edições / PNCISA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISBN: 978-85-7883-496-8

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Gonçalves, Paulo Rogério.

CDU: 528.9:39

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

## Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso

O Território Quilombola Kalunga é formado por diversas comunidades negras rurais, que vivem nos Vãos das Serras do Mendes, Morro Branco, Ursa, Bom Jardim, Areia, São Pedro, Bom Despacho, Moleque, Boa Vista, Contenda, Manquine e Mangabeira, partes da Serra Geral de Goiás. Este grande território está nos municípios de Monte Alegre (GO), Cavalcante (GO), Terezinha de Goiás (GO), Arraias (TO) e Paranã (TO).



Seu Francisco dos Santos Rosa, filho, filhas e neto

Existem registros históricos de 1723 que relatam a fuga de Africanos escravizados das Minas de Goiás, e documentos sobre uma Bandeira organizada em 1760 com o objetivo de destruir quilombos localizados às margens do rio Paranã. Mesmo com a repressão novos núcleos quilombolas surgem às margens do rio Paranã, o rio era utilizado como uma rota de fuga pelos quilombolas. Entre as décadas de 50 e 80 o território sofre um intenso ataque de grileiros. Em 23 de novembro de 2009 o INCRA decreta a criação do Território Kalunga de Goiás. No dia 16 de dezembro de 2010 o Governo Federal decreta a criação do Território do Kalunga do Mimoso.

Oficinas de mapeamento social e diversas reuniões realizadas no ano de 2017 possibilitaram a elaboração deste fascículo que conta a história de luta da Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso.

## A vida no território

“ Nasci e criei aqui. Os mais antigos aqui eu não sei, minha mãe que tá com oitenta e quatro, André aculá que é parente, sogro meu, tá com oitenta e dois. Minha vó é Antônia Ribeiro e meu avô Alexandre dos Santos Rosa, era os mais antigos na época. Meu bisavô eu nem conheci, já era herança aqui da terra, a herança que nasceu todo mundo aqui no caso nosso é isso aí, minha bisavó foi pegada de cachorro lá na sede, era indígena. Não sei qual povo, qual o povo dela, aqui tinha uma aldeia. Um conheceu fogão, é panela, pote, cerca de pedra, nesses local aí tudo teve.

*Emílio dos Santos Rosa*



Seu Emílio dos Santos Rosa

“ Nasci aqui e vivo aqui até hoje, meus pais e meus avós nasceram aqui também. As principais atividades produtivas nossa aqui é mexer com o gadinho, nos cria gado, outros não cria, a lavoura é roça de toco que a gente mexe, a função é essa, roça de toco e mexer com gado. Nós planta abobora, maxixe, quiabo, mandioca, milho, arroz, cana; alguns plantam cana, é amendoim, só que não é de muita fartura não, a roça de toco na verdade a gente planta de

cada coisa um pouquinho, é tem o gergelim, batata, maxixe, é a lavoura mais ou menos assim. A gente vende também, uns tem região que planta fumo pra vender, pro uso também, a gente vende farinha, vende polvilho, vende arroz também, mas é mais é pro consumo, o milho é mais pro consumo. Nós cria é, tem pessoas que só cria galinha e porco, ou só galinha, e as vezes alguns nem galinha, mais outros cria porco, galinha, vaca, animal, jumento, tem uns que cria até jumento, burro, mas a maioria deles é só gado mesmo. Aqui a média do que cria mais aqui é de seis reis, sete ou dez reis pra cá, o que cria mais é dez reis, vinte reis, trinta reis. Vende os bezerros, é quando os bezerros aparta a gente vende, vende bezerro, vende vaca, a maioria os bezerros, a gente vende mais é os bezerros.

*Pedro Torres de Melo*



Horta caseira



Máquina de costura



Sala de costura



Cozinha tradicional

“ Inclusive eu conheci aquele senhor ali vizinho nosso, que morava na beira da fazenda Pintado ali, conheci ele lá, velhinho já morreu, ele e a mulher tinha bananal, tinha plantio de laranja, lima, cana, mexia com lavoura, tinha engenho montado, criava égua, muitas éguas, muito animal, criava vaca, e moía, produzia rapadura.

*Pedro Torres de Melo*

“ É eu trabalho na roça, eu trabalho em casa, eu trabalho no curral onde for mexer com gado, com tudo faço tudo. Aí que a mulher é assim, se ela vai pra roça, chega tem seu serviço em casa, o serviço dela nunca acaba, é, quando ela não tá fazendo uma coisa, tá fazendo outra, o serviço não acaba, e é fazendo de tudo direto. Tem um porquinho aí, tem uma hortinha ali, eu sempre faço na beira do rio. Mas agora nessa época não consigo fazer por modo o córrego, aí a gente planta só em casa, a gente tem pouco mas tem, coentro, cebola, alho, tudo a gente planta. Essas plantas medicinal umas que é nativo da terra, sabe do mato. Aqui medicinal tem a pera, que a folha daquela pera ali, é um remédio bom, tem a babosa, tem o chiôô que é bom pra veneno de cobra, tem o manjeriçã, tem o ventre-livre. Tem a alfavaca que é muito boa, por diante, os que fica vivo, porque a terra de certo tempo pra cá ela secou, você planta as plantas e ela só dá quando a chuva chove, quando vai dando pra seca ela vai indo e vai morrendo, é molhando direto e ela morrendo. Parece que



Seu Pedro Torres de Melo



Conjunto de potes

essa chuva que tá chovendo não tá dando pra molhar ela direito, que é logo ela tá seca. Não chega metade, chega metade, tem ano que ele vai mais ou menos em cima, e quando ele vai em riba dá prejuízo. E aí agora mesmo esse ano nunca foi em cima, tampou metade das praias baixas mas nunca foi em cima e quando ele vai em cima a enchente é muito grande. E aí o rio esvaziou, encheu de areia, e aí ficou raso, qualquer aguinha tá em cima, mas esse ano nunca deu pra ele levar em cima não. As festas aqui são de Santos Reis, do Mimoso e Santo Antônio em janeiro, Santo Reis junho. Na festa tem a reza principal, tem a reza, tem o remate da folia, tem a reza. Depois que passa a reza, tem a comida pro pessoal, o pessoal come, depois que passa a comida aí é a hora de dançar súcia e o baldo, e levantar a bandeira. Também tem o mastro sabe, e a gente levanta, mas o mastro é só no dia doze de junho, e desce no dia treze, quatorze. Desce o mastro aí já tem a rainha, o capitão que pega aí no outro ano, é outra festa de novo. É esse ano é eu, é sou a festeira, espero que venha muita gente pra me ajudar.

*Maria dos Santos Rosa*



Dona Anita dos Santos Rosa e Dona Maria dos Santos Rosa

A produção aqui, a gente sempre plantava muito arroz, produzia muito arroz e mandioca, milho era mais pouco. O milho hoje a gente planta mais através da chuva e planta mandioca. Mas nós estamos querendo produzir com esse trator que vinha pra gente, porque produz muito mais assim. Porque a gente espera que arar um pedaço melhora a terra, beneficiada fica melhor do que a roça de toco, a gente aproveita o trabalho, aumenta mais, porque você capinar o mato é mais difícil. Plantar uma roça maior de trator, com trator você desmata dois hectare de terra, duas tarefas de terra, três, aí já tá no tamanho de uma roça de um morador. Aí dá de plantar não sei quantos litros de arroz, quantos litros de milho, produz a mandioca, o feijão, a abóbora e a melância, são as coisas que nós produz. É as culturas, mandioca, arroz e milho, e o feijão de corda não é muito bom não, o feijão de arranque não é muito bom não, a gente planta muito feijão também, e abóbora, é o trens, inhame, essas coisas que a gente planta, batata doce. Fumo na beira do rio, que nós aproveita a lama da beira

do rio e faz o plantio de fumo. É pra vender, tem uns que fuma ainda, agora tem outros que já largaram de fumar, mais pra fora daqui, a gente vende na cidade de Arraias. O povo da região pita muito e aí compra da gente caro, hoje tá custando, valendo um metro de fumo trinta e sete reais, porque é crise e num tem, ano passado não teve lama pra gente plantar, muito pouco tinha. Na vazante assim, a gente roça tira os matim lá, e resgata lá e semeia a semente, faz a muda, pega a muda, planta e depois a gente chega a terra no pé e a gente corta é com três mês, quando você vai lá já tá maduro. Você pega o fumo e faz o andaime e coloca as folhas em parcela pra ele não arder. Andaime grande, e aí cê põe o fumo aí pra não arder, ele murcha, depois que ele murcha, você vai montoa lá e estala o talo e faz a fiança. Fiar não é todo mundo que sabe fiar também não, inclusive minha mulher sabe fazer, sabe fiar muito bem. Tem a posição de botar as folhas, dobrada as vesso e fazer o fumo ficar bem liso e depois dele feito, gente com prazo de quinze, vinte dias, vira ele todo dia, de um pau pra outro, aqueles rolos de fumo. Aí ele curte, depois dele curtido cê sai com ele pra vender, ele não apodrece nem nada, e saí com ele pra vender, todo mundo já compra. Vende em Arraias, Sertão, aqui, Paranã, e vende até pra pessoas de outros lugar aqui mais perto, vizinho, que tem pessoa que não produz e nessa região de Arraias quem mais

produz aqui é nós. Produtos que a gente vende mais aqui, é quando tem quantidade, é farinha, arroz quando sobra mais um pouquinho a gente vende, um saco as vezes, quando colhe a quantidade de sessenta, oitenta saco também vende muito. Dez, quinze saco cê passa dois, três anos, se quiser você fica comendo aquele arroz. Quase todo mundo hoje em dia tem um gadim pra sobreviver, bezerro, vaca, uns tem mais outros tem menos, aqui dificilmente não tem uma pessoa que não tem quatro, cinco, cabeças, quase todo mundo tem um gadim. Gado dá o leite, a carne, e quem quiser mata o gado, vende pros morador e quando não vende pros morador a gente come, mata e come, faz carne de sol e vai comendo. Comendo com arroz, com feijão, com abóbora, é dessa forma. Vende mais é o bezerro e a vaca, pra fora vende a vaca véia e o bezerro. É, aí os açougueiros, os reservatórios lá compra, e as vezes compra pra vender pros açougueiros, pra fazer cria, pra engorda, o bezerro também pra engorda, mas hoje o gado tá muito barato pra você vender bezerro, hoje vale bezerro apartado, setecentos reais, oitocentos reais, tá barato pelo consumo que dá, que tem ração, tem vacina, pasto, tudo acho muito barato.

*Emílio dos Santos Rosa*

Nasci e criei aqui nesse mesmo lugar. Vivo da roça, é fazendo roça, plantando, um ano ganha o outro ano perde, é assim. De toco, é no

machado, na foice e no machado. Arroz, feijão, não milho, mandioca eu plantei na frente, aqui feijão de corda, fava, cana, cana é pouquim, só mesmo pra dar ração aos bichim, e chupar alguma cana alguma hora. Crio, eu só tenho uma mula, eu tinha uma mula e uma égua, aí a égua morreu ficou só a mula. Gado, tenho uma sementinha pra beber o leite. Meu gadim ia rendendo, mas entrou um revenda de sorte, aí não sei se foi olho grande, meu gado quase acabou ficou pouquinho.

*Aristeu dos Santos Rosa*



Curral Tradicional

O trabalhinho nosso lá é devagar, é a rocinha mesmo, planta é milho, é arroz, mandioca, esses trem assim e agora tamo até sem poder plantar mandioca, porque o caititu não deixa um. É uma coisa esquisita, mas mesmo assim todo ano nós planta, esse ano nós mesmo plantamos, gadinho é pouco também só mesmo pra tomar o leite. É todo mundo junto, cada um é assim, um piquetinho com uma vaquinha, assim que tá amojando, mais no mais é assim todo mundo junto nesse quadrinho, come no cerradão aí, come no cerradão.

*Leônio da Silva Oliveira*

## Os conflitos com os grileiros e fazendeiros



Elaboração de mapa no núcleo do Albino





Dona Rosa da Cunha Damasceno

Nasci e criei dentro da divisa, todo tempo só que mudei de lá pra cá mas, dentro do mesmo território. Eu nasci em mil novecentos e quarenta e seis, já tava tomado de tudo, já tava tudo tomado de lá de Paranã pra cá, tava tudo tomado de fazendeiros. Eles chegaram falando assim, uá trem aqui tá bom demais moço, tá rico, vocês não querem umas quatro vacas pra vocês tomar leite não? Uá moço é bom demais eu quero, e por ali trazia as quatro vacas e pelejava com essas quatro vacas, cinco fosse mais. A vaca tava arribando pra qui pra acolá, arriba pra qui pra acolá, eh vaca veia atentada não quieta, uai você não quer que faz uma rocinha de pasto não? Uai faz homem bom demais, por ali fazia a rocinha de pasto e as vacas quietava por ali, que era pra produzir ali e agora ficava fácil pra quietar. E ali o que acontecia, fazendeiro tá pra lá, com pouco vem fazendeiro de lá pra cá, moço aqui agora tá bom tem até leite, vaca boa de leite demais, você não quer mais, ah pode trazer. Quando tivesse uns dois ou três anos ali, o quê que eles fazia, chamava o outro de lá, oh rapaz vi falar que meus bezerros tá morrendo, tá isso,

tá aquilo, vou botar outro vaqueiro. Já vinha com o papel mostrando, oh comprei essa terra, aqui o papel de documento dela aqui, e aí agora esse ano que vem você se prepare que vou botar outro vaqueiro, o povo tá falando demais que você tá deixando os bezerros morrer. E aí o que acontecia, panhava outro vaqueiro, trazia pra cá e o outro saía, e o outro que era dono da terra botava pra fora, e isso aí aconteceu com vários deles. Tomou de conta das terras tudinho, os fazendeiros tomou de conta. Documento nem um toco, agora que foi descobrir, o governo descobriu no projeto Kalunga que não tinha documento, mas o povo pensava que tinha, um papel mostrando, um papelão bonito assim, um documento mesmo, mentira que não era documento, era papel falso, e por aí tomou de conta das terras tudo. Algumas fazendas que teve documento original, por os velhos pais que as vezes guardou, zelou direitinho, o documento de meu pai mesmo morreu no fogo, queimou, acabou tudo, ficou sem documento. Saí de lá pra cá corrido de grileiro por causa disso.

*Silvino Izidio de Macedo*



Buraca

Nasci aqui no nosso território mesmo. Aí pelos antigos que falavam, as vezes tinha um que quisesse colocar uma roça, botar área aí, colocava então aí. Quando eles chegaram, eles vinham e entraram devagarzinho, fizeram a sede, e depois que eles fizeram a sede, eles dizem aqui é herança de meu pai e minha mãe, e aí eles tomaram de conta. E o pessoal aí era mais simples, e aí foi onde eles tomaram de conta, e a gente não tinha direito por causa disso. Os fazendeiros depois que fizeram a sede, não aqui vocês não podem trabalhar, porque aqui é de meu pai, minha mãe, é minha herança, e aí agora o quê que a gente podia fazer, porque eles eram maior, e todo mundo ficava quieto. E tinha deles que proibia a gente intê de fazer a roça, e o que a gente ia fazer, como diz a galinha na unha do gavião, quê que é de fazer é só ficar quietinho, e aí foi tirando desse jeito aí. Tinha só que pela procedência velha, dos nossos antigos, eles tinham o documento, dizem que tinha, mas eu mesmo não vi. Mas ele tinha, inclusive essa área aqui que era do velho Sabinero, da minha vó, ela tinha o documento, mais aí pegaram o documento. Fizeram um inventário da terra por cima, e chamaram que era dele, mas era dos antigos, e pela nossa procedência, aí acho que

tem mais de não sei quantos anos, que nem meu bisavô não conheci, e nós dentro dessa área aqui. Quando eu já nasci, eu nasci em sessenta e três, então já havia os programas deles aí, eles já tinham chegado. Tinha deles que chegava no ponto de fazer isso, quer dizer não era pra chegar assim, levava mas não falava que era pra ameaçar, mas se o cara vai num lugar com arma deve ser porque ele queria ameaçar a pessoa, as vezes a pessoa podia dar no brabo, e aí resolvia.

*Francisco dos Santos Rosa*



Seu Erimito dos Santos Rosa

As terras lá, elas era praticamente dos meus troncos veios, diziam que era deles, nosso. Aí depois um certo tempo, a tia Bárbara contava pra nós, a velha era a mais velha irmã da minha avó, aí ela contava pra nós que o pai dela morreu, e foi criando as três irmãs, só mais a mãe. Aí pegou os documentos da terra e deu pro seu Neto Batista guardar. Um senhor de Augusto, que

é irmão de seu Elano, foi lá e pediu a ela um pedaço da terra pra botar um gado uns dias, e lá ela pegou e deu, e por aí criou uma fazenda, que foi essa fazenda estrela. Quando o seu Augusto, que é irmão do velho Elano morreu, aí a fazenda ficou pros irmãos, ele não tinha filho. E foi onde ficou esse pedaço lá que é a fazenda estrela, ficou pro seu Elano. Depois ele deu de dote pra dona Nicinha, que é mulher do Olani Batista e nisso criou a fazenda lá, que eles tratam como de deles. Quando eles pegou, eu não sei fazer base, eu sou de cinquenta e um, e nesse tempo que a minha bisavó deu eles esse documento pra guardar eu ainda não era nascido, eu não sei fazer base. É foi a minha bisavó que deu, que era a mãe da minha vó, pegou e deu pra guardar e dessa guardança não apareceu mais, minha vó contava assim. Essa área lá, minha avó dizia que era uma área de novecentos alqueires nossa, e aí agora eles foram tomando taquim, tirando taquim, taquim e certo que nós tamos imprensado numa arinha pequena. Até por resto ia chegando fazendeiro daí de fora, aí o senhor Reginaldo tirando já seis alqueires pra cada um de nós, aí foi que chegou esse projeto do Kalunga, e nós corremos atrás, pedindo as autoridades. E a dona Cacau nos ajudou, foi no mandato de dona Adinê, e reuniram nós aí

em Brasília, pedindo ajuda foi que veio as autoridades lá, que esses fazendeiros abriu fora deixou, nós por enquanto tá aí, assim tá quieto graças a Deus. Esse problema da mineração também tá lá rodando lá, os cabras teve lá cavocou muito lá, já abriu muito buraco. Lá teve vez de dá prejuízo, até inclusive eles abriram um buracão lá pra lavar e caiu uma bezerrinha minha lá, que quase morreu lá dentro, atolou. Agora esses dia eles abriram fora de lá, não tá lá não, mas eles já cavocou muito trem lá. Os garimpeiros não tem não, trabalhando não tem não agora, tem o funcionário dele que é o Jamiro, ele que olha lá pra eles as coisas.

*Leônio da Silva Oliveira*



Dona Carmina Rosa Rodrigues, filhas e filho

A invasão aqui, ela o que eu sei baseado nos meus pais é o seguinte, quando antes, é inclusive meus pais, eles pegava documentação deles e dava pros fazendeiros guardar, e depois esse fazendeiro

tomava essa terra. Outros grilava a terra dizendo que era deles, corria com o dono, que era nós nesse caso, meus pais e outros. Outras vezes eles, os antepassados, meus pais, meus avós, as vezes tinha a terra, era dono da terra, eles pegava e botava lá uma vaca, duas, três, um cavalo pra eles montar, e colocava ele lá pra ir sendo vaqueiro. Com o passar do tempo aquelas vacas aumentava, e eles terminava o lugar da casa daquele de um de nós da região e virava a fazenda deles. Aí eles tirava o vaqueiro, que era o dono da terra, botava pra outro lado, botava outra pessoa pra ser vaqueiro, e dizia que a terra era dele, trocava o nome daquele lugar, e muitas vezes ia e botava outro nome naquela fazenda. E daí as vezes eles ficava, vamos supor, como se tivesse uma área de cem alqueires de meu pai eles. Quando tomava os cem alqueires de meu pai eles cercava duzentos alqueires, quinhentos alqueires, mil alqueires pra dizer que ali tudo era deles. E aí foi grilando, tomando, desceu o pau como disse outros e outras, e comprava terra a troco de boi, de vaca, de meia légua de terra sempre, assim e foi indo, foi indo e foi tirando, foi tirando. E aí foi ficando assim, aquele por exemplo, meu pai, se eu fosse fazer uma casa ele aceitava e aí ficava todo mundo em casa, as vezes naquela fazenda, e eles muitas vezes escravizando e a gente sem poder se desenvolver. Hoje eu sinto que ocupo uma terra, eu tenho uma

base aí de ocupar uns dez, vinte alqueires de terra mais ou menos, porque é já depois desse projeto que a gente tem, a gente tem mais liberdade pra trabalhar, eu já mexo com uma rocinha ali pra dentro, restauro um pasto e moro aqui. Comecei como professor aqui em setenta e quatro e tô aqui até hoje, só que agora em dois mil e dez eu aposentei, só tô aqui porque eu tô com aquele barzinho ali. Meu pai na época, no Morro Branco ali, ele tinha calculado, segundo a família, era duas léguas de terra, mais ou menos mil e quatrocentos alqueires, eu não tenho uma base mais é mais ou menos isso, setecentos alqueires cada légua. Mil e quatrocentos alqueire, duas léguas de terra naquela época, na época ele mudou pra cá e outros ficaram pra lá, mais esses mil e quatrocentos alqueires grileiro tomaram quase tudo. Tem alguns que ainda mora lá, mas é pouca gente desses que moram lá, pressionados também, que os grileiros praticamente tomou, só tem uma parte dentro desse território que é desse projeto. É naquela época dos meus, quem mandava era os fazendeiros, era os ricos, mas o pobre ele não tinha, se o fazendeiro aceitasse, concordasse, ele ficava ali a vida toda, senão, não tinha. O pobre não brigava com fazendeiro, chegava lá falava assim, você tem vinte e quatro horas, um mês pra sair daqui.

*Pedro Torres de Melo*



Escola Municipal Eveny de Paula e Souza

E um dia o fazendeiro passou lá em casa e falou assim, eu era rapazinho mais ou menos quatorze anos, disse pro meu pai, olha vamos tirar fulano, lá vou mandar ele ir embora de lá, ele tem que sair de lá. Ele era até compadre de meu pai, ele foi pra lá, quando foi de tarde ele passou em casa e disse, ó mandei ele ir embora, tem tantos dias pra ele desocupar. Então dentro daqueles períodos que ele marcou, ele teve que desabar, largar tudo, largar lavoura e tudo que ele tinha lá. E mudou pra uma terrinha dele que tinha ali na beira do riacho do córrego que chama Riacho Fundo. Largou tudo pra lá, largou cana, largou a sede todinha, e sem direito a nada, só panhou os animais dele, as vacas, mas os trens dele ficou lá tudinho. Não recebeu nenhum centavo, e não podia passar do prazo que ele marcou, e assim ele fez com vários. Não resistia, porque na verdade os pobres, eles não tinha, não adiantava eles resistir, porque pra começar a desunião, ela é meia como até hoje a gente vê. Que a nossa comunidade ela

é assim, tem muitas dificuldades em unir, e na época quem mandava era os ricos, tanto faz ser um como o outro, vou tirar fulano, chegava lá e tirava, e eles só dava o prazo determinado pra ele, e aí ia embora. Contrato de vaqueiro? eles botava na fazenda, a pessoa entrava na fazenda ganhando na sorte, de cinco gado solto. As vezes o vaqueiro rodava uma semana atrás de uma vaca pra não perder o parto da vaca, pra não perder o bezerro, aí dava na ferra, se tem dez bezerros, ele dava dois bezerros pra ele. Que era de cinco um, um era dele, e aí muitas vezes era escolhido, ele dava o que ele queria. Eles não tinha nada de contrato, não tinha nada, nada escrito, só o caboclo combinava e eles iam pra lá pra fazenda, e lá na fazenda ficava. Deles que ficava trinta anos, no dia que ele fosse embora, se ele tirou a cria recebeu os bezerros, pagou o fazendeiro, que na verdade eles compravam tudo de volta, isso a troco de qualquer coisa, trazia um pacote de café, uma lata de óleo, ia anotando, e quando dava na hora da ferra aparecia isso aí tudinho, e com juro e correção monetária. E você me deve tanto, e ia descontando, descontando, e tinha vez que no encerramento da ferra ele ficava com nada, ficava sem nada. E começava de novo, outras vezes se saía da fazenda e ficava devendo, fosse o final dele sair da fazenda, ficava devendo dois bezerros, três bezerros,

ele tinha que voltar pra trabalhar, roçar, trabalhar na fazenda pra pagar aqueles bezerros que ele saiu devendo. E aí quando ele, muitas vezes saía pra outro lugar, fazia a casinha dele, tinha que voltar pra roçar pátio, roçar roça de pasto, outra hora comprar de outra forma o bezerro, pra devolver, não dispensava aqueles bezerros.

*Pedro Torres de Melo*



Dona Nercina de Melo da Silva e a neta Letícia

Cinquenta e sete. Meu avô ele sempre era morador aqui direto, morava, ia pra fazenda voltava, e aí tinha um tal que queria aumentar a terra, e aí foi e comprou do Chico Nunes, ali o curral velho. Aí o Chico Nunes foi e morreu, e ele não recebeu a escritura dele, pagou a terra e não recebeu a escritura, aí o fazendeiro que é o Dezão comprou uma área de terra de um outro aí, tomou de conta da terra do Chico Nunes, uma parte. Aí o Zé dos Santos que era o filho do Alexandre dos Santos, vendeu uma área, vendeu escondido, quando o pessoal soube ele já tinha vendido para Gustavo, o fazendeiro. Aí o Gustavo foi, pegou a metade da área que não era dele e tomou de conta de tudo. É pegou outra bem maior. Aí minha vó na época estava doente, ela morreu já velhinha sabe, eles trouxeram no cartório, e já veio pra assinar quase morrendo, e foi e tomou de conta dessa terra aí. Aí o Lindú foi e comprou do Gustavo, arrumou a briga, o Lindú queria tirar meu pai do ponto e queria colocar ele em outro ponto, e meu pai não aceitou, e tá até hoje no ponto aí. Quase trocaram tiro, só não trocou tiro porque o Lindú não quis, ele caçou mas não aguentou. Lindú é o que diz que tem nome de fazendeiro, mas ele nunca foi fazendeiro, só que tem o nome, é só mexendo com terra. Aí eu tenho um sobrinho, aí ele foi e vendeu pra o Demivaldo que é sobrinho dele, do Lindú. O Lindú vendeu pra ele essa área aí, onde Zé dos Santos vendeu, aí o Lindú disse que tinha uma área lá no Mimoso, lá em cima, pegou e trocou mais o Demivaldo, que o Demivaldo era cá na fazenda aqui da lagoa e trocou pelo do Mimoso. Aí

o Demivaldo foi comprou aqui, voltou trocou mais ele lá e pagou pro tio dele, disse até que ainda tinha até um resto que o tio ainda tava. Assim sei lá e ainda ia ter uma conversa com ele, não sei se ele recebeu ou se não. Mas essa terra aí foi grilada dos fazendeiros, que eles compraram um tiquim e cercava um mundo de terra, então hoje todo mundo tá de boa, tão tudo de boa. Aqueles que saíram corrido já voltaram, tem outros que tá alegre, querendo que chega logo, pra eles voltar de novo pra trabalhar, é que aonde eles tá não tem lugar, então tá todo mundo alegre. É uns quarenta anos atrás, meu avô já tinha morrido, só tinha minha vó, depois minha vó morreu, foi na época, já tem muitos anos, mas que foi grilada foi, Gustavo e Lindú.

*Maria dos Santos Rosa*



Dona Lucina Pereira da Conceição  
e filho



Seu José Valeriano de Melo

Os conflitos com os fazendeiros foi depois que meus avôs morreu, meus avôs morreu e aí acabou, começou os conflitos que filho vendeu, um dos filhos dele vendeu cento e vinte alqueires de terra sem os outros da

irmandade saber. Seu José dos Santos, e mais antes já tinha conflito com esse povo Batista, com o povo que chegou pra qui tirando os morador velhos. Eles tiravam os morador assim, ele pegava dava quatro, cinco vaca pro cara olhar. E essas quatro, cinco vacas que dava, ela aumentava e muito, quando aumentava ele mandava fazer um curral maior. E vinha e fazia uma casa na sede da pessoa, quando terminava com isso, acabando de tudo, aquele cara terminava vaqueiro deles. Eles tinham que tirar esse vaqueiro pra colocar outro, daí tomava de conta da sede nossa, você tem que mudar. Naquele tempo não tinha ponto certo pra morar, ficava morando feito trempe, e outra hora mudava um daqui pra aculá, não tinha problema de morar. Saía da sede dele e deixava pro fazendeiro e ia fazer outra sede, menos naquele local, e aí o fazendeiro tomava conta. E aí a pouco chegava com papelinho batido no escritório, lá falava que tinha comprado isso aí de não sei quem, inventava nome. Não sei de onde veio, e que tinha comprado aquilo com papelinho falso lá, e os morador foi afastando e fazendo o que eles quer pra eles, ajudando a trabalhar na fazenda deles como eles quer. Outras vezes ele pegava um quarto de carne e dava pro cara a troco de um pedaço de terra pra fazer um sítio, pegava a banda de uma vaca e dava pro cara pra fazer um sítio. O cara não tinha um gado pra comer, comia era outras coisas, pegava e negociava um pedaço de terra pra ele lá, aí o cara fazia um documento. Quem fez tem a terra legalizada, quem não fez aí nesse tempo, quase nem tinha uso campeão, quem não fez fazia a moradia, ia no cartório e registrava, pedia o cara pra assinar e o cartório registrava. Ele tinha comprado uma légua, duas léguas, duzentos alqueires, cem alqueires, trezentos alqueires e a maneira deles era essa. E assim que eles afastaram os proprietários, descendente, dessa maneira que eles conversaram, e agora nós ficou nesse lugar pequeno. Nós numa casa, num lugar pequeno, eles cercaram a casa de nós, e deu pra vim na casa da gente, botar trem pra atentar a gente. Proibir criação de porco, proibiu gado entrar na área dele, e aí agora muita gente abusou e vendeu pros fazendeiros um pedacinho de terra, o direito de posse, e ia pra cidade. Outros abandonava e ia embora pra cidade, ocupar outro campo, ser vaqueiro de outro pra lá. Fazendeiro já não deixava mais, o fazendeiro não deixava você piar nem uma bezerra no pasto dele, nem solta, nem um cavalo, tirava tudo, e daí pra cá deu essa revolta. Nenhum assinava carteira e nem assinava o tempo que trabalhava, até hoje é difícil ter um fazendeiro que paga contrato, que paga o tempo de trabalho, é difícil. É tudo trabalho escravo, aí agora eles tão achando ruim que o povo não quer trabalhar pra eles, estão abandonando.

*Emílio dos Santos Rosa*





Elaboração de mapa na casa do Seu Ananias



Elaboração de mapa no núcleo do Mimoso



Rio Paranã

Quando nós morava ali no curral véio, ali embaixo, perto de Emílio, nós morava na terra que era de meu avô, mas tinha uns pedaços de terra que não era documentada, era aglobada numa que ele tinha documentada. E aí meu avô morreu, ficou a véia, e aí o Zé dos Santos que era filho do véio, muito de olho grande, pegou as terras e vendeu pro fazendeiro lá de Arraias. E comendo a que nós tava morando também, por pé da outra legal, cá que eles tomou de conta. E teve que nós sair de lá, que nós morava aí no curral velho, de lá nós veio e foi espalhando todo mundo, uns foi pro outro lado, uns veio pra qui e lá ficou, e eles tomou de conta. Lá era terra demais, eu não tô sabendo a quantidade, dava mais de cem alqueires lá dentro. Cercou tudo, aí foi dividido com os aqueles colegas dele lá, os ricos de lá da rua, aqui em Arraias. O fato foi conhecido depois em Arraias, nesse tempo foi até o finado Gustavo que tomou de conta e vendeu pro Lindú, um pedaço e aí tomaram de conta. Com pouco o Delbrando comprou uma parte lá também, que é lá a Esperança e aí tomaram de conta tudim. Tomou de conta aqui em cima, no que eles tratavam de por Lagoa de Santa Rita. Aqui em riba eles tomou de conta de tudim desse trem aí, cercou as terras tudim, e aí os povos desabou todo mundo, e eles tomaram de conta. Eles botou pra correr, cercou e botou criação de dentro, e não queria que criasse nada lá, não era pra ficar ninguém. Não tinha cerca nenhuma, Santa Tereza não era cercado, essa

lagoa da boa esperança não era cercada, Santa Rita não era cercada. Hoje tá tudo cercado, esse mundão todinho aí. Empurrando nós com a barriga, o pessoal tudo besta, e eles tomando de conta, como de fato tomou de conta. É com muita fé em Deus que nós vamos tomar ela de novo, com fé em Deus, que do modo que o povo tá aí, eu vou te contar prô cê, tá acabando com o povo. Aqui esse local que nós tem aqui, legalizado aqui, pode dizer, não tem nem mata pra trabalhar, é só mesmo o cerrado, e a água pra beber, os fazendeiros estão cercando, não pode fazer roça, quando faz eles denunciam, levando desse tipo que tá aí. Essa terra que tá do outro lado é melhor e é cercada todinha. Aí tem muito mato, eles cercaram tudo, e não deixa por roça não.

*Aristeu dos Santos Rosa*



Dona Maria dos Santos Xavier

E aí quando reconhecemos de nós ser quilombola, a posse das terras quilombolas. A antropóloga veio pra minha casa e procurou os parentes, os amigos, que tudo é parente. A antropóloga passou aqui três meses, fomos pra Arraias, Campos Belos, pra Palmas, e aí fomos até Brasília, registramos e saiu o auto reconhecimento das nossas terras. Por isso eu passei com ela três meses andando aqui, prum lado e pro outro, pra todo mundo assinar e aceitar o trabalho dela. Tinha gente até que escondia, que quando viu que o caso era sério e pro lado nosso todo mundo apareceu. Reagiram assim, eles fizeram o seguinte, prometia de me atirar, prometia de me matar, prometia de botar fogo na casa, como aconteceu de botar fogo nas casas aí de vários moradores. Abriram roça, abriram quintal de muita gente, passou o trator em riba, desmatou no quintal do povo, todo plantio que tinha foi tudo embora. Passou na casa de Roseno, Rosalino, botou fogo na casa do Donizete, botou fogo, que é o filho do Roseno, botaram fogo na casa da Rosilene, que é filha do Roseno, filho sempre mora perto do pai. Fizeram tudo isso e botaram fogo nas roças do senhor de Martim, derrubaram, abriu umas cerca, derrubou mandioca, os plantios tudo que tinha. É aí eu saí

atrás pra pedir um conforto pra eles de vida, porque não tinha como de passar o que eles passava, era com os mantimentos da roça, além de tudo ficou sem a casa e ficou sem as roças e como que eles iam viver. Eu fiz uma denúncia pra o Ministério Público e o Ministério Público enviou para a justiça de Arraias que era pagar, os fazendeiros. E por fim eu acho que os fazendeiros colocaram advogados lá, e não pagou nada, eu tenho prova da denúncia tudo no papel. Foi em dois mil e cinco o reconhecimento, foi em novembro ou dezembro. Criemos a associação, depois juntamos todo mundo, perguntamos quem queria ficar na associação, que aí nós fomos e reconhecemos. Saiu o reconhecimento depois que nós criemos a associação, e aí continuemos, criou a associação filha dentro do território e aumentemos o modo de agir. Aumentemos a associação para doze pessoas em cada associação, nós tem duas filhas e uma mãe. Depois que saiu o auto reconhecimento eles estão vendo que não tem mais jeito, estão esperando a indenização pra eles poder afastar. Ainda tem alguns que tão criando encrenca, metendo pau, desmatando, ainda fazendo pastos, outros tirando madeira, outro aproveitando madeira, levando pra cidade escondido da gente. Outros querendo fazer cerca de novo, estão dizendo, alegando pra gente, de vez em quando alega que não tem nada na fazenda por causa do INCRA. Do tempo que entrou paralisou o trabalho deles, mas deixa ver que antes não tinha nada, não produzia nada, cria gado numa solta, bem nem um pasto pra piar um burro eles não tinha. Soltava o gado, vaqueiro batia o dia todo no campo pra achar um gado, e olha se achasse, tudo sem benefício, o benefício que tem é o quintalim, outros nem bem quintal tem, tem terra que nem a moradia tem, e é fazendeiro, e fez o papel, lá e trouxe pra cá mostrando que comprou isso de não sei quem.

*Emílio dos Santos Rosa*



Diretoria da associação do núcleo do Albino



**PROJETO  
CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante
6. Comunidade Quilombola Buriti do Meio Núcleo
7. Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso Kalungueiros na Luta Pela Regularização do seu Território - Minas Gerais

**Realização:**

**Apoio:**



**PNCSA**

